



Intercâmbios agroecológicos: aprendizados coletivos e assistência técnica compartilhada. A experiência de Divino - Minas Gerais

Rafael Mauri¹; Fabrício Vassalli Zanelli²; Irene Maria Cardoso³; Gilvânia Domiciano de Amorim⁴; Anacleto Carlesso⁵

¹Graduado em Agronomia pela Universidade Federal de Viçosa, mestre em Fisiologia Vegetal pela mesma universidade. E-mail: rafael.mauri@hotmail.com; ²Graduado em geografia pela universidade federal de viçosa, mestre em educação (educação do campo) pela mesma universidade. Professor do curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFV. E-mail: fabricao.zanelli@gmail.com; ³Graduada em Agronomia pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), mestre em Solos e Nutrição de Plantas pela UFV e doutora em Ciências Ambientais pela Wageningen University – Holanda. Professora do Departamento de Solos da UFV e Presidente da Associação Brasileira de Agroecologia. irene@ufv.br; e-mail: ⁴Graduada em Tecnologia em Agroecologia pelo Instituto Federal do Paraná, especialista em Agroecologia pela mesma instituição, especialista em Cooperativismo Solidário e Crédito Rural pela Unicentro e agricultora agroecológica. E-mail: gilvaniadomiciano@gmail.com; ⁵Graduado em Tecnologia em Agroecologia pelo Instituto Federal do Paraná, especialista em Agroecologia pela mesma instituição e agricultor agroecológico. E-mail: anacletoeco@gmail.com.

Resumo: A necessidade de compreender a agroecologia enquanto ciência, prática e movimento é crescente entre pesquisadores, técnicos e praticantes da agroecologia. Estas três dimensões estão inter-relacionadas e nos colocam desafios, mas também apontam caminhos para fortalecer e ampliar a agroecologia nos territórios. Trataremos neste resumo de uma experiência em curso na Zona da Mata de Minas Gerais – os Intercâmbios Agroecológicos – que são fruto de uma longa trajetória de construção do conhecimento agroecológico na região, cuja sistematização de sua experiência aponta caminhos importantes para que as práticas agroecológicas se ampliem juntamente a força das organizações sociais dos/as agricultores/as, e sigam provocando a ciência da agroecologia na busca pela indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Palavras-chaves: camponês a camponês; educação popular; agricultura familiar; indissociabilidade.

1. Introdução

O modelo agrícola baseado nas tecnologias da Revolução Verde desencadeou um processo maciço de descampesinização que trouxe consequências como a degradação sociocultural do





campesinato e aprofundou a separação entre ser humano e natureza. Em contraposição a esse modelo, em diversas regiões do Brasil, em especial a partir da década de 1980, iniciou-se um movimento composto por diversos atores em busca por alternativas ao modelo de Revolução Verde. Esta foi a década da redemocratização do país, quando vários movimentos sociais se reorganizaram, dentre eles o movimento sindical (VILLAR et al., 2013). Em 1987, na região da Zona da Mata de Minas Gerais, agricultores organizados em Sindicatos de Trabalhadores Rurais, muitos recém-fundados, junto com estudantes e técnicos/as recém-formados/as pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), fundaram o Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM) que juntos constroem desde então a agroecologia na região.

Atualmente, muitos projetos de ensino, extensão e de pesquisa-ação são executados de forma articulada entre o CTA, a UFV e as organizações de trabalhadores/as rurais da região. Na trajetória de fortalecimento e ampliação da agroecologia, esta parceria tem enfrentado uma série de desafios instrumentais, técnicos, científicos e também desafios de natureza metodológica (CARDOSO e FERRARI, 2006). Apesar da dificuldade inicial de superar o difusionismo, incentivado pelo modelo da Revolução Verde, a preocupação com a construção coletiva do conhecimento e a necessidade de articular saberes populares e científicos nos processos de construção do conhecimento agroecológico sempre estiveram presentes. Para superar os desafios mencionados, os referenciais teórico-metodológicos da educação popular e da pesquisa-ação e o uso de metodologias participativas orientaram os trabalhos do CTA e parceiros (CARDOSO e FERRARI, 2006).

Muitas destas metodologias foram aprendidas em redes nacionais e internacionais de Agroecologia, como por exemplo, a metodologia denominada “Camponês a Camponês” (CAC), utilizadas nos países da América Central e que passou a inspirar os processos educativos da região. Esta metodologia consiste em um “sistema de métodos, procedimentos e técnicas que facilitam o desencadeamento de processo de intercâmbio e de aprendizagem entre os/as camponeses/as e suas famílias, assim como entre dirigentes, técnicos/as, pesquisadores/as e outros atores relacionados” (SOSA et al, 2012).





Segundo Machín Sosa et al. (2012), o grande desafio para a disseminação da agroecologia não é a falta de técnicas adequadas de produção agroecológica, mas sim a não utilização de metodologias apropriadas para a disseminação de tais técnicas e de construção coletiva dos saberes. Tais metodologias devem propiciar processos educativos massivos e horizontais que rompam com a hierarquização dos saberes.

O CAC, com devidas adaptações, está sendo adotado, desde 2008, na Zona da Mata de Minas Gerais, com a denominação de Intercâmbios Agroecológicos. O presente resumo se propõe a apresentar a experiência de realização dos intercâmbios agroecológicos no município de Divino-MG, protagonizada pelas organizações locais de agricultores/as, em parceria com o CTA e a UFV. Os intercâmbios são avaliados e sistematizados continuamente em conjunto com os sujeitos que protagonizam a experiência no município de Divino-MG (ZANELLI et al., 2015). Para efeito do resumo aqui apresentado, realizou-se uma reunião de quatro horas, com a participação de dois agricultores e duas agricultoras do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras da Agricultura Familiar de Divino (SINTRAF), dois estudantes de pós-graduação, uma professora da Universidade Federal de Viçosa e um colaborador do CTA. Nesta reunião, a reflexão abarcou todos os nove temas da matriz de sistematização proposta pela Associação Brasileira de Agroecologia.

2. Metodologia

Os intercâmbios agroecológicos constituem uma metodologia que articula diversos procedimentos técnicos para a análise de agroecossistemas, alguns presentes nos Diagnósticos Rurais Participativos, como a caminhada transversal, e outros já consagrados na Educação Popular, como os Círculos de Cultura, propostos por Paulo Freire. Os intercâmbios ocorrem em uma propriedade da família, nos territórios camponeses e podem ser compreendidos em 10 passos (ZANELLI et al., 2015): 1) mobilização; 2) mística de abertura; 3) apresentação dos participantes; 4) história da família/comunidade; 5) caminhada pela propriedade e ou oficinas; 6) socialização das observações





feitas durante a caminhada, utilizando círculo de cultura; 7) trocas de sementes e mudas; 8) informes e encaminhamentos; 9) merenda agroecológica e 10) mística de encerramento.

Os intercâmbios tiveram início no município de Divino com a participação de seis famílias, no ano de 2008. O número de famílias aumentou a partir dos primeiros encontros quando os resultados já começavam a aparecer. O simples fato de se reunir para bater um papo, por exemplo, já atraiu muitas famílias. Os intercâmbios passaram a ser o momento de resgate de memórias, de conhecimento popular e antigo relacionado às técnicas, às plantas medicinais e alimentícias, de valorização dos saberes tradicionais de todos e todas que viveram e vivem naquele território. O resgate da cultura do diálogo significou e significa um avanço na qualidade de vida das famílias que participam dos intercâmbios.

Para ilustrar o acima exposto, em um dos momentos de um intercâmbio, o agricultor G. Correia perguntou ao grupo se alguém sabia e poderia ensiná-lo a fazer coloral de urucum. Uma senhora se levanta e ensina o passo a passo. Para a surpresa do G. Correia e dos demais, a senhora em questão era a sua própria mãe, a Dona Laurita! Este episódio contribuiu para a reflexão de como o momento de conversa dentro das famílias havia sido perdido e como os intercâmbios contribuem enquanto espaço e incentivo na retomada destes diálogos.

O número de participantes dos intercâmbios aumentou e em 2014 chegou a contar, em um intercâmbio histórico, com mais de 150 participantes. Foi uma grande celebração e rica troca de saberes! No entanto, algumas dificuldades operacionais começam a surgir frente ao grande número de pessoas. A principal delas era em relação aos altos custos de transporte, que devido à escassez de recursos, começou a inviabilizar a participação de mais pessoas. Além disto, em intercâmbios grandes havia dificuldades de aprofundar temas mais específicos e garantir a participação em qualidade dos ali presentes. Diante disso, os parceiros, em momentos de avaliação, sistematização e planejamento dos intercâmbios, começaram a cogitar a possibilidade de setorizar os intercâmbios. Após alguns anos de amadurecimento, no início de 2016, houve condições para a setorização, e os “intercambinhos”, como passaram a ser denominados, se iniciaram.

Os intercambinhos são desdobramentos do intercâmbio geral em vários subgrupos e/ou setores locais. Desse modo, os custos de transporte são reduzidos, pois os encontros passam a ser realizados





nas comunidades onde reside a maioria das famílias que participam dos intercâmbios. Além disso, encontros locais possibilitam trabalhar com temas específicos, o que aumenta o interesse, e também o maior aprofundamento das discussões. Para sua realização, os intercambinhos contam com articuladores/as (agricultores/as) locais, indicados pelo movimento local.

Atualmente, os intercambinhos acontecem mensalmente em cada um dos setores formados pelas comunidades a) São Pedro de Cima, São Pedro de Baixo e Fortaleza; b) Carangolinha de Cima e Bom Jesus; c) Comunidades de Periquito, Serra do Delfinos, Carolas e Retiro; d) Comunidade dos Frossard e Viletas e em atividades organizadas nos grupos de Certificação Orgânica; e) Animais para Agroecologia; f) Casa de Farinha; g) Associados da Associação Dom Divino/Cooperdom. Os grupos organizam suas atividades em diversas comunidades, normalmente em rodízio.

A cada três meses realiza-se o Intercâmbio de Socialização, um grande evento de todos os setores e grupos que objetiva compartilhar os aprendizados nos eventos locais. No último Intercâmbio de Socialização (junho de 2016) utilizaram-se as instalações artístico-pedagógicas, que de forma lúdica proporcionaram muitas trocas de conhecimentos e entrelaçamento de saberes científicos e populares. Um grupo de homens agricultores apresentou um pequeno teatro representando a problemática envolvendo a comercialização do café agroecológico.

3. Descrição e reflexões sobre a experiência - Processos educativos

O intercâmbio agroecológico assume os agroecossistemas de cada família agricultora como território de produção de conhecimento e busca estimular a troca de saberes entre os agricultores e agricultoras, reduzindo a centralidade do técnico. Os técnicos presentes possuem o papel de problematizar e incentivar ao máximo o diálogo, fazendo dos intercâmbios momentos de aprendizado para todos os envolvidos. Dessa forma, todos aprendem e ensinam, por isto o agricultor G. Correia, que desde o início participa dos intercâmbios, cunhou a expressão assistência técnica compartilhada.

Além dos/as técnicos/as e das famílias agricultoras, os intercâmbios contam também com a presença de professores/as, estudantes universitários de graduação e pós-graduação das mais variadas áreas do





conhecimento, estudantes de Escolas Família Agrícolas (EFAs), firmando o princípio da transdisciplinaridade e da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Nos intercâmbios o aprendizado é dinâmico e as relações são horizontais entre pesquisadores, técnicos e agricultores, e entre as próprias famílias, que contribuem para a produção de conhecimentos novos, úteis e compartilhados: os saberes agroecológicos.

A participação da universidade nesses espaços contribui para que questões levantadas durante os intercâmbios transformem-se em pesquisas, o que contribui para a articulação entre o conhecimento científico e o saber popular. Os intercâmbios em si são objetos de pesquisas e já se transformaram em dissertações de mestrados. Ao mesmo tempo eles são locais para divulgação e devolução dos resultados de pesquisas.

Enquanto ambientes educativos, os intercâmbios demonstram grande potencial na construção do conhecimento agroecológico, inclusive para aqueles que estão no início da transição. Segundo G. Correia, as pessoas que participam há menos tempo ou não participam, ainda carregam certo preconceito em relação às experiências novas que ali são apresentadas, muitas vezes por puro desconhecimento e/ou medo do desconhecido. No entanto, ao se aproximarem do grupo e perceberem como as coisas funcionam e dão certo, as mudanças começam a tomar seus lugares e a transição se inicia. Esse processo de diálogos em rede contribui para o fortalecimento das famílias, que compreendem que outra relação com a natureza é possível e necessária, e encontram nos intercâmbios um espaço de fortalecimento de seus ideais e lutas. Por isto, os intercâmbios se tornam uma comunidade dentro de outra comunidade, mas sem isolamento entre estas. Ao contrário, os intercâmbios são abertos à participação de todos e todas.

Para os/as agricultores/as de Divino, participar dos intercâmbios proporciona a mudança de visão do sistema. É uma libertação das “coisas convencionais que haviam sido impostas”. Enquanto protagonistas do processo de construção do conhecimento, isso dá muita força para continuar e reafirmar a certeza de que se está no caminho certo, em uma rede que cresce e se fortalece a cada dia. O protagonismo dos/as participantes empodera a todos e todas tanto nas questões técnicas ligadas à agroecologia quanto na questão metodológica e mística do movimento. Em Divino, o empoderamento





dos sujeitos explicita-se no protagonismo dos/as próprios/as agricultores/as que participam dos intercâmbios. Um dos indicadores de tal empoderamento é que municípios vizinhos, como Carangola, estão convidando os/as agricultores/as para ajudarem na implantação dos intercâmbios em comunidades que estão em transição agroecológica. Outros indicadores são os diversos grupos de trabalho criados pelos/as agricultores/as a partir dos intercâmbios: mutirão de poda, grupo da criação animal, grupo de certificação orgânica, etc.

Se se questiona aos agricultores e agricultoras quais as principais fontes teóricas que embasam o pensamento e a prática agroecológica que desenvolvem, eles respondem ser o vínculo que possuem com a terra, herdado na maioria das vezes de seus pais. A agroecologia está viva no município há gerações e a partir dos intercâmbios ganhou força e resistência na vontade de alcançar mais e mais pessoas, lugares, vidas.

4. Parcerias e atores envolvidos

Atualmente, a estratégia dos intercâmbios é desenvolvida através da parceria entre o SINTRAF/Divino, o CTA-ZM e a UFV, além das organizações locais, como a Associação Dom Divino, a cooperativa Cooperdom, a Pastoral da Juventude Rural (PJR) e as CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) e de organizações estaduais/nacionais como a FETRAF – Federação dos Trabalhadores da Agricultura Familiar. Conta ainda com a participação da Universidade Estadual de Minas Gerais – UEMG Campus Carangola, da Universidade Federal de Juiz (UFJF) e do Instituto Federal Sudeste – Campus Muriaé. Muitas destas organizações se articulam em organizações estaduais, nacionais e internacionais que se alinham com a agroecologia, a educação popular e do campo, com a segurança e soberania alimentar e nutricional, da economia solidária e da saúde coletiva.

Para a realização dos intercâmbios ocorre um processo de mobilização da comunidade, que antecede o evento e é realizado, no caso de Divino, pelo SINTRAF. A mobilização pode ser feita por outra entidade ou pessoas, caso o sindicato não seja parceiro da ação. A principal estratégia utilizada é a figura do/a mobilizador/a local. Uma pessoa com perfil comunicativo visita as famílias realizando o





convite. Além disso, em Divino a divulgação ocorre através das mídias sociais, rádio local (programa do SINTRAF “A voz do trabalhador”) e nos encontros da igreja, a partir em especial dos participantes das CEBs e PJR.

Além da mobilização para os eventos, a comunicação é importante também para divulgação dos resultados das ações e de como as mesmas impactam a transformação da realidade local, de forma a fortalecer o movimento. Para isso, as redes sociais são sempre atualizadas com fotos, vídeos e textos e o SINTRAF local conta com um informativo impresso. O CTA e a UFV organizam ainda boletins denominados “Nossa Roça”, que divulgam as experiências locais. As pesquisas são devolvidas no formato de oficinas, instalações artístico-pedagógicas e do boletim informativo “Nossa Pesquisa na Roça”.

Um reconhecimento importante da experiência foi o prêmio, recebido pela agricultora de Divino G. Amorim, de “Boas práticas de ATER na Agricultura Familiar e na Reforma Agrária”, oferecido pelo extinto Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). Os/as agricultores/as expressam a satisfação em ter seu trabalho valorizado a nível nacional, dizendo servir como um estímulo nos avanços que ainda são almejados.

5. Diversidades/Etnicidades

Nos intercâmbios agroecológicos de Divino a diversidade de etnias tem como principal representante a comunidade quilombola de São Pedro de Cima. O envolvimento da comunidade nos intercâmbios foi possível graças à parceria com o Núcleo de Estudos em Agroecologia “Ewè” da UFJF. Com sua própria maneira de fazer as coisas, a comunidade tem sua identidade quilombola fortalecida e reconhecida, e fazem a diversidade ecoar no território e no movimento agroecológico, quebrando preconceitos e unindo a todos num objetivo comum: o reconhecimento da agricultura familiar enquanto modo de vida, cultura e bem-viver.

6. Agrobiodiversidade/bens naturais





Os temas abordados em geral nos intercâmbios relacionam-se ao manejo e conservação do solo, água, manejo das plantas espontâneas, adubos verdes, criação animal, sistemas agroflorestais, compostagem, biofertilizantes e caldas naturais, homeopatia, sementes e variedades crioulas, proteção de nascentes e mananciais, turismo rural, comercialização e beneficiamento, segurança alimentar, políticas públicas para o campo, gênero, cultura, agrotóxicos, saneamento básico rural, alimentação diversificada e resgates, entre outros.

Atualmente, alguns temas relacionados à água têm sido aprofundados nos intercâmbios, devido aos problemas enfrentados diante das mudanças climáticas. A problemática da falta de água na região levou muitas comunidades a procurarem alternativas ao manejo das águas nas propriedades. As técnicas de plantio de água têm sido desde então trabalhadas amplamente no município. A terminologia plantio de água e algumas das técnicas utilizadas são contribuições do grupo Kapi'xawa, de Alegre/ES. Para as atividades, são organizados intercâmbios-oficinas ou mutirões. As famílias têm aplicado em suas propriedades as técnicas que aumentam a infiltração de água como terraceamento, barraginhas, caixas secas e caixas cheias, cercamento de nascentes para sua recuperação e preservação; e tecnologias sociais de saneamento básico rural.

Além do cuidado com a água, o cuidado com o solo também é sempre pauta dos intercâmbios. Dentre os vários cuidados discutidos, os/as agricultores/as lembram que a partir dos intercâmbios muitos deixaram de usar agrotóxicos e queimar os matos, pararam também de arruar e de capinar o café e passaram a usar o mato como adubação verde e cobertura do solo e a usar sistemas agroflorestais (SAFs). Tudo isto, levou ao aumento da matéria orgânica e a melhoria da qualidade do solo e, conseqüentemente, de toda a vida no solo e das plantas.

O grupo do mutirão de podas dos sistemas agroflorestais compreendeu que a certificação do café como orgânico pode contribuir para desmistificar a questão de que agroecologia não dá certo. Os/as agricultores/as iniciaram então o processo de certificação acreditando que o café agroecológico, produzido em SAFs, ao ser vendido a um preço mais justo pode contribuir para demonstrar para os ainda incrédulos de que a agroecologia é viável economicamente.





Um dos principais resultados dos intercâmbios no município foi o resgate das hortas, as quais haviam sido esquecidas. Não só a diversidade local aumentou como também houve diversificação na renda. “A maioria das pessoas não sabia vender outra coisa que não o café”, conta o agricultor. O mercadinho da Associação Dom Divino estava fechado e voltou a funcionar depois que os intercâmbios começaram. A Feira Agroecológica, que acontece todas as quartas-feiras em Divino, também é fruto dos intercâmbios e é abastecida com a diversidade local.

O Grupo ‘Animais para Agroecologia’, que surgiu nos intercâmbios, trabalha com práticas agroecológicas, alimentação alternativa dos animais, homeopatia e sistemas silvipastoris. Está em funcionamento a “Casa da Farinha”, onde se faz o beneficiamento da mandioca produzida pelas famílias da região, para a produção de farinha e polvilho, cujos subprodutos do beneficiamento são utilizados na alimentação alternativa dos animais.

7. Gênero e Juventude

No início dos intercâmbios em 2008, a participação era majoritariamente de homens. A própria dona da casa que recebia o intercâmbio não participava, pois ficava na função de cozinhar para todos. Diante dos avanços na discussão de gênero dentro do movimento agroecológico, sobretudo a questão do feminismo, o intercâmbio acompanha tais mudanças de paradigmas. A presença das mulheres passa a ser tão importante quanto a dos homens, e ressignifica o espaço dos intercâmbios como sendo de toda a família: jovens, crianças e adultos, todos e todas na construção do saber agroecológico.

A metodologia dos intercâmbios aproxima os jovens, que são em média 50% dos participantes. É um ambiente de formação e construção do saber agroecológico que presa pela horizontalidade dos saberes, fazendo com que os jovens se sintam à vontade para se colocarem dentro dos diálogos que ali acontecem. Em alguns momentos são organizadas atividades exclusivas para as crianças, mas, em geral, as mesmas simplesmente participam livremente das atividades e são cuidadas por todos.

8. Saúde





No momento do intercâmbio em que se conta a história de vida e da propriedade, casos que envolvem a contaminação atual ou passada por agrotóxicos são relatados. Segundo o agricultor A. Carlesso, o maior interesse pela agroecologia vem das preocupações com a saúde, expressa em especial pela preocupação com o uso dos agrotóxicos e alimentação. Segundo ele, para se ter boa saúde é preciso ter alimentação sem veneno e diversificada, produzida em casa e da época. Os intercâmbios potencializaram essa discussão, em especial a partir da merenda agroecológica compartilhada ao final do intercâmbio. As pessoas são incentivadas a levar para a merenda os produtos da roça, produzidos de forma agroecológica, como garapa, biscoitos caseiros, broas, suco natural, inhame, batata-doce e mandioca cozidos e fritos, dentre inúmeros outros.

Segundo a agricultora G. Domiciano, aqueles que primeiro participam dos intercâmbios já notam na alimentação caseira uma grande diferença, pois estão acostumados a eventos onde são servidos pão com molho e refrigerante. Valorizar a alimentação local é também uma forma de fortalecer a cultura e por ela a identidade camponesa. Há também a troca de receitas que busca resgatar tudo aquilo que está na memória e haviam deixado de fazer por causa das mudanças de hábitos alimentares impostas pela indústria agroalimentar.

Esse exercício de se pensar na saúde adquirida pelo consumo dos alimentos tem feito avançar o discurso para o que chamamos de saúde integral. Em um sentido mais amplo, não só a alimentação diversificada e livre de agrotóxico está em pauta, mas também o resgate das plantas medicinais, o uso da homeopatia, o cuidado com as águas, o cuidado com nossos próximos, enfim, todos os aspectos que envolvam a saúde física, mental e espiritual devem estar presentes em nossas ações cotidianas e no movimento.

A saúde psicológica dos/as agricultores/as e de todos/as do movimento agroecológico, frente aos constantes desafios enfrentados, é sustentada pela harmonia que o coletivo preza. Os/as agricultores/as contam que “conviver em grupo é essencial para se ter uma boa saúde integral”, que “viver isolado não dá para ficar bem.” Os intercâmbios proporcionam um espaço de conversa que





configura o resgate da cultura do diálogo. Ajuda no fortalecimento das ideias e é importante para se ter ciência de que tem gente que pensa igual e que não estamos sozinhos na luta.

É nesse sentido que as místicas presentes em todos os encontros são compreendidas na agroecologia. A espiritualidade, entendida por cada um de acordo com sua crença, fortalece a todos na luta travada diariamente. Os/as agricultores/as relatam que “o pessoal entendeu a importância dos violões, das músicas, da mística de abertura e encerramento que aportam energia boa para o intercâmbio”. Estar em círculo faz com que a energia flua muito melhor. Segundo eles, “a espiritualidade é cultural e nos orienta” e que as músicas, sejam elas de igreja ou não, deixam todos/as mais à vontade e alegres para a partilha de saberes. Estes também são elementos da cultura camponesa que são importantes e são resgatados e fortalecidos durante os intercâmbios.

Outros temas relacionados diretamente com a saúde sempre abordados nos intercâmbios é a questão do cuidado com o lixo. Quando se encontra algum lixo na propriedade este é trazido para a roda de socialização.

O saneamento básico rural também tem sido objeto de preocupação, principalmente devido aos problemas causados pela falta de água. Assim, grande parte das famílias que participam dos intercâmbios já possuem as fossas biodigestoras ou evapotranspiradoras instaladas, compreendendo sua importância e trabalhando na disseminação dessa tecnologia social.

9. Políticas Públicas

A metodologia dos intercâmbios foi desenvolvida e executada na Zona da Mata a partir do apoio de vários projetos do MDA em parceria com o CNPq, dentre eles os editais de pesquisa em interação com a extensão (editais 36/2007 e 33/2009) e os editais de apoio e fortalecimento dos NEAs (editais 58/2010 e 81/2013).

Várias são as políticas públicas que incidem diretamente no município de Divino e trouxeram melhorias para a vida das famílias. Dentre elas, o projeto ATER-agroecologia desenvolvido pelo CTA e que utiliza da metodologia e dinâmica dos intercâmbios para desenvolver suas atividades. Os





mobilizadores locais de Divino contam com o apoio da Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural (PNATER).

O Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) possibilitou a comercialização da diversidade produzida pelas famílias, o que fortalece a agroecologia. Além do destino, o PNAE incentivou a diversificação da propriedade àquelas famílias que ainda dependiam somente do café como fonte de renda e contribuiu para melhorar a saúde das crianças, que passaram a se alimentar de produtos sem agrotóxicos.

O Programa Nacional de Crédito Fundiário (PNCF) viabilizou o acesso à terra a muitas famílias da região, propiciando autonomia no trabalho, possibilidade de geração de renda e soberania camponesa. Após a conquista da terra, as famílias contam ainda com o Programa Nacional de Habitação Rural (PNHR) para a construção da casa própria. Além disso, o PNHR possui um projeto-piloto de biodigestor, que é uma tecnologia social que gera o gás de cozinha a partir do esterco animal. Isto diminui a necessidade de lenha para cozinhar, o que tem impacto positivo na saúde das famílias e na biodiversidade, possibilita o tratamento dos resíduos animais e desonera o orçamento com a compra de gás de cozinha, além de gerar o composto orgânico.

10. Diálogo com os princípios e diretrizes da Educação em Agroecologia

Compreendemos que os intercâmbios agroecológicos se alinham aos princípios e diretrizes da Educação em Agroecologia, produzidos pela ABA-Agroecologia. Nos intercâmbios ouvimos com muita frequência frases como “agroecologia é vida” e, portanto, todas as formas de vida devem ser respeitadas. A agroecologia é ainda compreendida por nós como ciência, movimento, e prática, pois a forma de produzir conhecimentos (ciências) se articula com a visão política (o movimento) e a aplicação das tecnologias (as práticas).

A agroecologia estuda o sistema agroalimentar e incorpora em seus estudos a diversidade e complexidade da matriz sociocultural e a racionalidade camponesa, as identidades das populações tradicionais, o entrelaçamento entre conhecimento popular e os novos elementos da ciência moderna.





Portanto, a agroecologia aglutina diversas áreas do conhecimento e contribui não apenas com técnicas de manejo, mas também em processos sociais, políticos, organizativos, culturais, ecológicos e ambientais.

Estes componentes estão presentes nos intercâmbios agroecológicos que, em essência, são problematizadores das questões relativas ao trabalho, à diversidade e complexidade da cultura camponesa, pois dão centralidade ao trabalho da família agricultora, ao resgate de sementes e variedades crioulas e, ao passo que anunciam a agroecologia, denunciam as mazelas causadas pelo agronegócio.

Nos intercâmbios vivemos constantemente situações em que aprendemos com a diversidade: diversidade de plantas, de organismos vivos, mas também de culturas, de trabalho e formas de produção de conhecimento que tanto enriquecem nossa prática.

Por isso também nos alinhamos com o princípio da complexidade, pois é extremamente necessário fugir da fragmentação dos campos de conhecimentos e envolver agrônomos/as, educadores/as, historiadores/as, geógrafos/as, veterinários/as, agroecólogos/as, técnicos/as agrícolas nessa prática com as famílias camponesas tendo como horizonte a Ecologia de Saberes, como denomina Boaventura de Sousa Santos.

Desde a concepção dos intercâmbios, o objetivo era a transformação não apenas dos agroecossistemas, mas a transformação dos indivíduos, das comunidades rurais, assim como do empoderamento político destes sujeitos. Dois exemplos de Divino ilustram este quarto princípio: a agricultora G. Domiciano conta: “O processo de transformação na forma com que eu lidava com o oposto, com aqueles agricultores que desconhecem a agroecologia, foi muito importante”. Ela relata que antes não tinha muita paciência, mas que com o passar do tempo pôde compreender todo o processo de construção de uma agricultura familiar “moderna” e que o diálogo e a prática da agroecologia são as principais ferramentas para transformação do sujeito. O outro caso é do agricultor G. Correia:

Antes eu tinha vergonha de chegar gente lá em casa e ter mandioca, inhame ou batata-doce na mesa. Foi nos intercâmbios que comecei a compreender a importância daquilo





que se produzia em casa e hoje faz parte da lida diária fazer com que outras pessoas também percebam tal importância. (Depoimento em 29/08/16).

Segundo ele, “a gente é mais do que acredita ser.” Os intercâmbios agroecológicos, diante dos princípios da educação em agroecologia, proporcionam o fortalecimento da identidade camponesa e aumento da autoestima dos agricultores e das agricultoras familiares.

11. Considerações finais

Os intercâmbios vêm possibilitando o aprendizado de relações mais horizontais entre técnicos e famílias agricultoras e são compreendidos como um processo dinâmico, marcado pelo entrelaçamento dos saberes populares e científicos, na produção de conhecimentos novos, úteis e compartilhados: os saberes agroecológicos. Entretanto, para sua realização são exigidas mobilizações locais, o que pressupõe a compreensão pelas organizações e atores que outra assistência técnica e extensão rural, compartilhada, não só é necessária como possível.

Referências

CARDOSO I. M., FERRARI E.A. *Construindo o conhecimento agroecológico: trajetória de interação entre ONG, universidade e organizações de agricultores*. Revista Agriculturas, v.3 n° 4. Dezembro de 2006, p.28.

SOSA, M. B.; JAIME, A. M. R.; LOZANO, D. R. A; ROSSET, P. M. *Revolução Agroecológica: O Movimento Camponês a Camponês da ANAP em Cuba*. 1ª Ed. São Paulo: Outras Expressões, 2012.

VILLAR, J. P; CARDOSO, I. M.; FERRARI, E. A.; DAL SOGLIO, F. K. *Os caminhos da agroecologia no Brasil*. In: GOMES, João Carlos Costa; ASSIS, William Santos. *Agroecologia: Princípios e reflexões conceituais*; EMBRAPA, Brasília-DF, 2013. 37-72.

ZANELLI, F. V.; LOPES, A. S.; CARDOSO, I.M; FERNANDES, R. B. A.; SILVA, B. M. *Intercâmbios Agroecológicos: Aprendizado coletivo*. Informe Agropecuário (Belo Horizonte), v. 36, p. 104-113, 2015.

